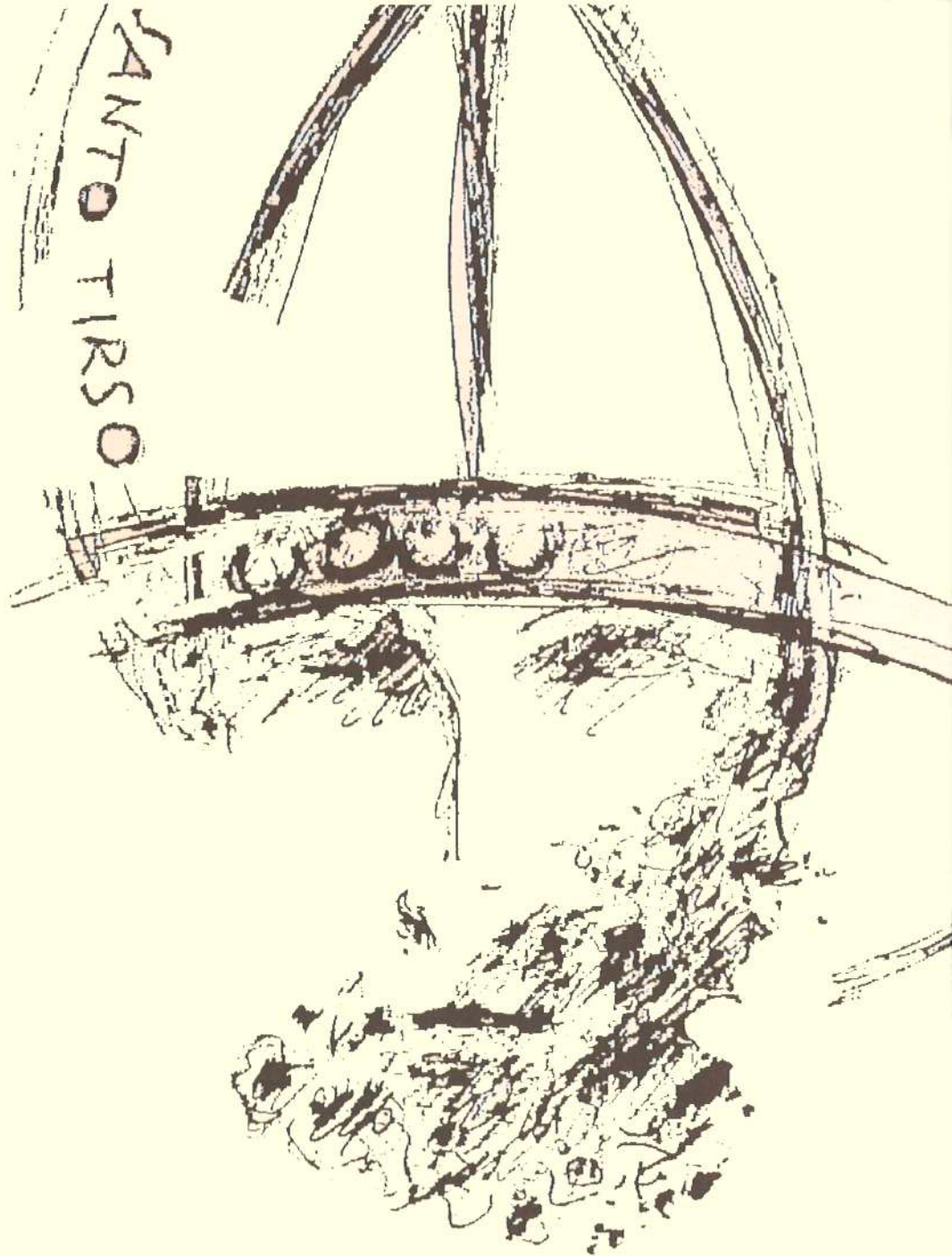




ty dEvin tyf

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"



Rudesindus

pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio

Exposição Comemorativa**MC aniversário do nascimento de São Rosendo**

26 de Novembro de 2007

FICHA TÉCNICA

Catálogo

Título**Rudesindus**

pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio

Exposição comemorativa do MC aniversário do nascimento de
São Rosendo

Edição

Câmara Municipal de Santo Tirso

Produção

Divisão de Património e Museus

Coordenação

Álvaro de Brito Moreira

Texto

Francisco Carvalho Correia

Álvaro de Brito Moreira

Nestor Rebelo Borges

Design Gráfico

Divisão de Património e Museus,

Museu Municipal Abade Pedrosa - Santo Tirso

Coordenação e Produção Gráfica

Mediana, S.A.

Depósito Legal

267783/07

Tiragem

500 exemplares

14 de Maio de 2007

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"



São Rosendo - exposição comemorativa

A comemoração dos 1100 anos do nascimento de S. Rosendo constitui, para o Município de Santo Tirso e para toda a comunidade tirsense, um importante momento de reconhecimento e homenagem a uma das mais insígnies figuras da cristandade medieva. A sua celebração estabelece um momento de renovação da memória colectiva de todos os tirsenses, uma vez que esta, no domínio cultural, se desenvolve não só pela convivência e valorização de marcas históricas que registam o seu passado mas, fundamentalmente, pelo facto das iniciativas desenvolvidas no âmbito das comemorações permitirem a afirmação da sua capacidade interventiva no presente.

Neste sentido, a vida e obra de S. Rosendo representam uma das mais significativas heranças culturais de Santo Tirso, constituindo uma referência intemporal que se reflecte na forma de pensar, sentir e agir de toda a comunidade que, ao ser partilhada, concorre para a definição da sua identidade.

A grandiosidade da vida e obra de S. Rosendo assumiu particular importância no Noroeste Peninsular, sobretudo em terras da Galiza que hoje, através das suas mais prestigiadas instituições, se encontra também a desenvolver um conjunto de iniciativas de especial interesse, com vista à celebração do seu nascimento, às quais o Município de Santo Tirso se associa, renovando os laços de proximidade geográfica e cultural.

O Presidente da Câmara Municipal

Castro Fernandes



14 de Novembro de 907

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"

2

São Rosendo - Vida e Obra



São Rosendo nasceu em São Miguel do Couto, a **26 de Novembro do ano de 907**, e faleceu no dia **1 de Março do ano 977**, em Celanova.

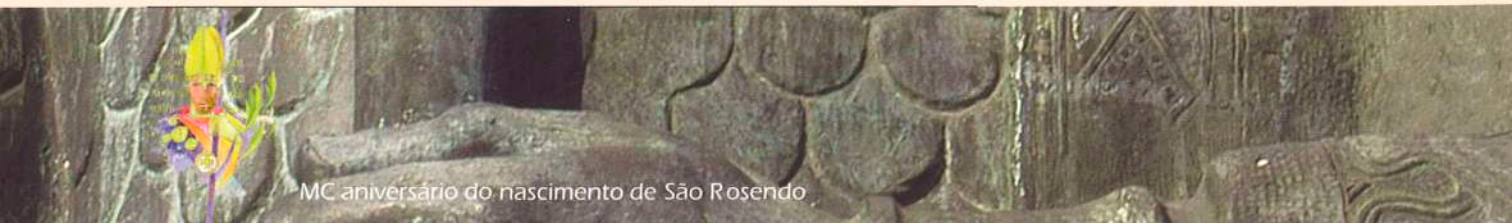
São Rosendo

Vida e Obra (Sinopse)

Filho do Conde portugalense Guterre Mendes e de Santa Ilduara, S. Rosendo nasceu no lugar de Salas, em 26 de Novembro de 907. S. Rosendo, ao longo da sua vida, desempenhou as mais altas magistraturas e constituiu-se como uma das mais significativas referências espirituais da cristandade medievá, tendo sido particularmente importante como comandante militar na defesa da Galiza contra Árabes e Normandos, pelo que hoje é unanimemente reconhecido como uma das mais importantes personalidades do século X.

Uma das principais iniciativas desenvolvidas por S. Rosendo no concelho de Santo Tirso relaciona-se com a construção, em meados do séc. X, do mosteiro de Monte Córdova, anexo à igreja paroquial, como documentam os vestígios arqueológicos identificados no castro do Monte do Padrão, designadamente a extensa necrópole que está associada aos edifícios identificados como igreja e mosteiro. O definitivo abandono do cenóbio ocorreu em 1597, após uma longa e conturbada existência, onde foram permanentes os pleitos jurídicos entre o mosteiro de Celanova e a coroa portuguesa que, por diversas vezes, interpôs acções com o propósito de recuperar os proveitos e rendimentos do mosteiro.

Estátua de São Rosendo, em bronze - Praça do Município, Santo Tirso -, da autoria de Irene Vilar



Adalberto

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"



Crono-Biografia

Ano Dados cronológicos de S. Rosendo e do mosteiro de Monte Córdova

907	Nascimento de S. Rosendo, a 26 de Novembro no lugar de Salas, S. Miguel do Couto
925	S. Rosendo é nomeado bispo de Dume e de Mondonhedo
9__?	Fundação do mosteiro de Monte Córdova (século X)
936_942	S. Rosendo promove a construção do mosteiro de Celanova
955	S. Rosendo, por comisso, assume o governo civil e militar da Galiza
967	S. Rosendo recolhe-se ao mosteiro de Celanova como simples monge
977	17 de Janeiro data de redacção do testamento de S. Rosendo
977	Morte de S. Rosendo em Celanova, Ourense, em 1 de Março
1172	Canonização de S. Rosendo pelo Cardeal Jacinto Bobone Orsini
1225	Cedência do direito de apresentação da igreja de Monte Córdova ao mosteiro de Celanova pelo bispo D. Martinho Rodrigues
1236	Confirmação do privilégio por D. Pedro Salvadores
1241	Sentença da comissão de arbitrio, nomeada pela Santa Sé, no qual é confirmada a condição do mosteiro de Monte Córdova como priorado dependente do mosteiro de Celanova
1244	Disputa do padroado pelo bispo D. Pedro Salvadores e o chantre de Braga, Fernando Anes
1282	D. Vicente Mendes confirma o direito de apresentação da igreja de S. Salvador de Monte Córdova ao mosteiro auriense
1514	Celanova perde o priorado de Monte Córdova. É nomeado António Castilbrac comendatário pelo rei D. Manuel I.
1597	Abandono definitivo do mosteiro de Monte Córdova
1623 - 1651	Transladação da igreja paroquial de Monte Córdova para o local onde hoje se encontra
1738	Sagração da Capela do Nosso Senhor do Padrão





1494

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"

4

Contextualização histórica

Ano

- 711** Invasão Árabe à Península Ibérica
- 718** Pelágio, rei das Astúrias, inicia a Reconquista Cristã
- 868** Presúria do Porto, pelo Conde Vimara Peres, dando origem ao Condado Portucalense (até 1071)
- 878** Presúria de Coimbra pelo Conde D. Hermenegildo, dando origem ao Condado de Coimbra (até 1064)

Presúrias em curto espaço de tempo (Chaves 872) sinónimo de vazio de poder político e militar

No actual território do Noroeste Peninsular, pouco depois de 878, a fronteira cristã estava posicionada ao longo do vale do Mondego, até alcançar o Côa seguindo pelo curso deste rio até ao Douro. A reconquista de Zamora, em 893, 15 anos depois de Coimbra e 25 anos depois do Porto, confirma como o posicionamento da fronteira no vale do Douro leonês foi um processo mais moroso. Este espaço permaneceu na posse das forças cristãs durante mais de um século, até às investidas de Al-Mansur nos finais dos século X, em 986, 987, 995 e 997, que trouxeram a fronteira cristã de novo até ao vale do Douro.

- 1128** Início da formação e organização do território português
- 1139** D. Afonso Henriques proclama-se Rei
- 1143** Tratado de Zamora que lhe reconhece o título e a independência
- 1297** Tratado de Alcanices, fixa as fronteiras de forma definitiva

É no contexto do incremento que Afonso III imprimiu ao processo de reconquista, levando a linha de fronteira até às margens do rio Douro, alicerçado numa importante reorganização militar e administrativa, que se compreende o estabelecimento no lugar de Salas da família de S. Rosendo. Entre nós, esta nova fase inaugura-se em 868 com a presúria do Porto por Vimara Peres, acompanhada pela presúria de Chaves pelo Conde D. Odoário. O controlo destes dois pontos veio a revelar-se fundamental para a evolução do processo de reconquista do Noroeste de Portugal. Em finais do séc. IX, princípios do séc. X, os frequentes ataques de Normandos e Muçulmanos em toda a costa Norte, terão originado, por motivos de segurança, a mudança do Conde Magno do Porto para o lugar de Salas. Neste sentido, o condado Portucalense, administrado desde 929 por Guterre Mendes, pai de S. Rosendo, esteve, durante um curto período, sedado no lugar de Salas, convertendo o lugar na "capital" do Condado Portucalense.



A Península Ibérica no princípio do século X.



MC aniversário do nascimento de São Rosendo

14 de Maio de 1997

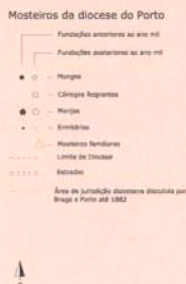
"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"



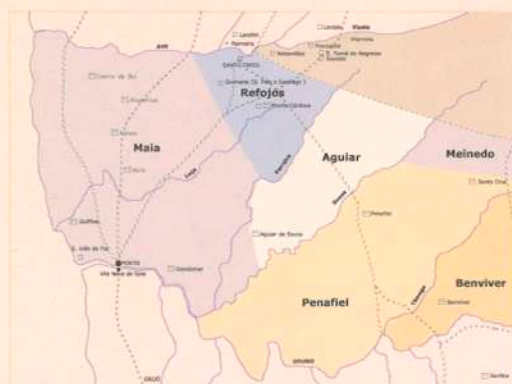
Da fundação dos mosteiros



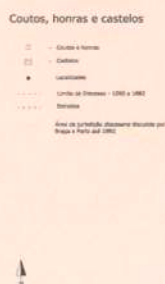
Mosteiros da Diocese do Porto



Timpano da Igreja românica do mosteiro de Santo Tirso, 1092



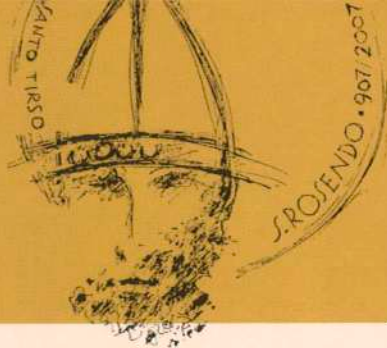
Coutos, Honras e Castelos



Na época da Reconquista houve a necessidade de, em primeiro lugar, definir as fronteiras diocesanas, pese embora a fundação dos primeiros mosteiros terem sido de iniciativa particular, num contexto de grande agitação militar, com objectivos claros de impor a fé cristã e estabelecer os vínculos legítimos do poder terreno.

São Rosendo foi um dos principais responsáveis pela reorganização da Igreja na antiga Galécia (Noroeste Peninsular) durante o século X. Dedicou-se principalmente à reforma monástica, procurando assegurar a observância de tradições vindas da época suevo-visigótica, ao mesmo tempo que criava um mosteiro exemplar, onde os seus conterrâneos pudessem encontrar o exemplo vivo do rigor disciplinar, do cumprimento de sábias normas comunitárias e da opulência material, necessária ao sustento de uma celebração litúrgica particularmente solene. A emergência do fenómeno monacal, nesta época específica, interliga-se com dois aspectos fundamentais: com o processo da acção militar e com o processo de repovoamento do território.





Handwritten signature in black ink, likely of the author or a related figure.

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"

Genealogia

A família de S. Rosendo teve profundas raízes na primeira nobreza do condado Portucalense e na estirpe régia de Leão (Espanha). São Rosendo pertenceu a um círculo dominante da alta esfera político-militar e eclesiástica.

De facto, desde os finais do séc. IX aos começos do séc. XI, todos os grandes eclesiásticos, todos os magnates galegos e até os próprios reis se relacionaram por laços de sangue com a família de S. Rosendo. Três bispos de Mondonhede eram parentes de S. Rosendo: Sabarico (907-925) é seu tio-avô; Aires Nunes (948-973) e Aires Pais (977-984) seus sobrinhos.

Três outros parentes de S. Rosendo foram bispos de Iria Flávia, ou, como se dirá mais tarde, bispos de Compostela: Godesindo Alvites (920-924); Sesnando Mendes (952-968); e Paio Rodrigues (971-975).

Sete mulheres, ligadas ao nosso santo, pelos laços da consanguinidade e de afinidade, foram rainhas: Elvira Mendes, tia de S. Rosendo, casou com Ordonho II; Aragunta Gonçalves, casada, em segundas núpcias, com o mesmo Ordonho; Goto Nunes, sobrinha, casou com Sancho Ordonhes, rei da Galiza; Ausenda Guterres, sobrinha, casou com Ramiro II; Teresa Ansures, sobrinha-neta, casou com Sancho I de Leão; Velasquita Ramires, sobrinha-bisneta do santo, desposaria, por sua vez, Afonso V.

O pai de S. Rosendo

Guterre Mendes, o pai de S. Rosendo, figura em cerca de quarenta documentos, datados por entre Junho de 910 e 24 de Abril de 933. Muitos deles para nomeação de cargos importantes político-militares, como vários comissos a desempenharem-se em solo galego.

A mãe de S. Rosendo

A sua mãe, D. Ilduara Eiriz, já ilustre pelos vínculos de sangue, teve um papel decisivo no percurso espiritual de S. Rosendo. O último documento onde consta o nome de sua mãe, é de 956.

Os irmãos de S. Rosendo

São Rosendo, único descendente continuador dos pergaminhos da família, teve dois irmãos - Múnio e Fruela - e duas irmãs - Adosinda e Ermesinda.

Assinatura da mãe de São Rosendo



Ramiro I

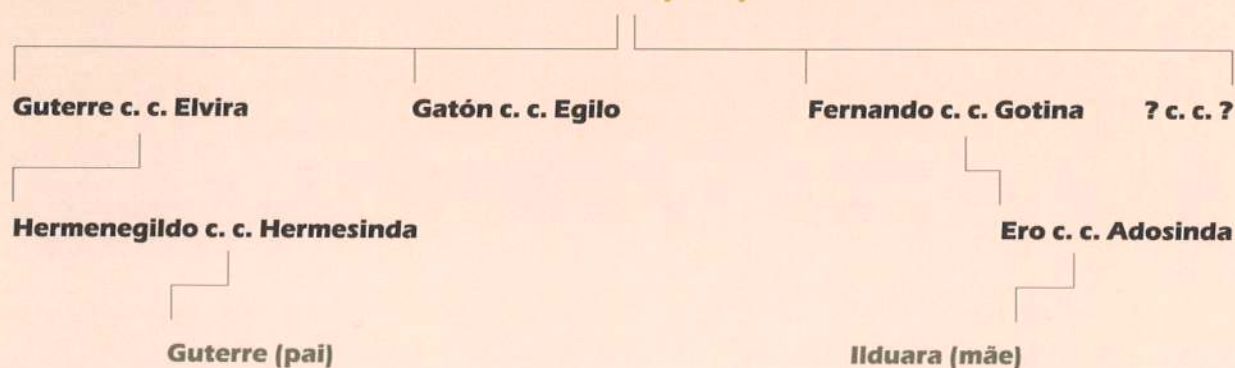
"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"



Quadro geneológico

Os ascendentes de S. Rosendo no séc. IX

Ramiro I (850)



Rosendo 907 - 977

Os quatro irmãos de S. Rosendo



Os sobrinhos de S. Rosendo





14 de Maio de 1945

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"

A concepção e o nascimento



Aparição do Anjo S. Miguel

Pintura maneirista cujo tema se relaciona com a aparição do anjo S. Miguel à mãe de S. Rosendo, D. Ilduara.

O painel encontra-se na Igreja Matriz de São Miguel do Couto, juntamente com a pintura evocativa do baptismo de São Rosendo.

A Lenda

(Frei Leão de São Tomás - Benedictina Lusitana, 1651)
"Era Senhor (D. Guterre) de hum villa chamada Salas no Bispado do Porto, que estava fundada perto do nosso Mosteyro de Santo Thyrso, ao pé de monte Cordua, e à vista do rio Aue; e ainda hoje naquella parte há hum campo de muyto pedregulho chamado Sala, por onde parece que ali estauão os paços em que o Conde D. Guterre, e a Condeça D. Ilduara fazião sua habitação. Viuião algum tempo desconsolados, por não ter filhos, os quais pedião a Deos com grande instancia, particularmente a Condeça, ajuntando as suas orações, jejuns, esmolas e outras obras pias. E o lugar onde mais frequentemente fazia suas orações a Deos, era a Igreja do Saluador edificada no mais alto do monte Cordoua, aonde sobia de sua casa a pé, e descalça, e pera que suas preces fossem mais aceites à Majestade Diuina, tomou por seu intercessor, e aduogado ao Archanjo S. Miguel, de que sempre foy deuotissima[...]".

Nota biográfica - Frei Leão de S. Tomás:

Nasceu em Coimbra entre 1565 e 1570. Monge beneditino do antigo mosteiro de Santo Tirso, tomou o hábito a 7 de Março de 1590, dia de S. Tomás. A sua "conversão" ficou assinalada pela mudança de nome, ou seja, de Leão de Vera Cruz passou a Leão de S. Tomás. A sua obra - "Benedictina Lusitana" - reflecte a sua formação humanística, onde são abundantes as citações de autores gregos e latinos (Moreira 2005, p. 71).



M dalmat

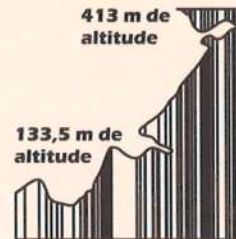
"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"



O caminho da Condensa



Em cima, ligação do lugar de Agras de Cela (S. Miguel do Couto) à igreja do Salvador (Monte do Padrão). À direita, perfil do Caminho da Condensa: O trajecto, a subir, perfaz próximo de duas milhas romanas, equivalente a 3.050 metros.



O Caminho da Condensa, de Agras de Cela - S. Miguel do Couto a Monte Córdova - Igreja de S. Salvador. A mãe de S. Rosendo mandou que lhe preparassem um caminho monte acima, até ao ponto mais alto (Monte Padrão) - igreja do Salvador, para aí rezar as suas preces divinas, e obter de Deus a ajuda para a concepção de um filho abençoado.





14 de maio de 1945

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"

São Miguel do Couto

A residência do Conde Guterre Mendes e de Dona Ilduara, em S. Miguel do Couto, no lugar de Salas, é hoje considerada uma evidência histórica consensualmente aceite.

Se, pelo ano 922, o Conde Guterre e sua esposa Ilduara habitavam em Santa Marinha, junto de Portomarin, a cinco léguas de Lugo; e, em 927, se encontram em Vila Nova dos Infantes, aquando da doação que lhes foi feita de Vilar, por Ordonho Sanches, onde, mais tarde, se erguerá o mosteiro de Celanova, o certo é que a aldeia de "Sallas", villa régia, em S. Miguel do Couto, tenha sido o berço de S. Rosendo.



Os azulejos de aresta

Por meados do século XIII aparece já em Portugal o emprego de esmalte monocromo nos azulejos e colunatas da arquitectura mudéjar, com o fundo branco e decoração bicolor verde e negro.

Os azulejos oriundos de S. Miguel do Couto, tal como do Monte do Padrão, são do tipo hispano-árabe, elaborados a partir da técnica de aresta, também designada de "cuenca". A temática decorativa apresenta uma composição geométrica com laçarias, conjugada com motivos estilizados de cariz vegetalista.

Igreja Matriz de S. Miguel do Couto

A Igreja Matriz de S. Miguel do Couto encontra-se implantada na encosta de Monte Córdova sob um plano elevado em relação à via - EN 319 (Santo Tirso - Paços de Ferreira, com passagem pelo Monte de N.ª S.ª da Assunção). A construção da actual Igreja é setecentista que corresponderá, provavelmente a uma Segunda igreja, trasladada do seu local de origem no lugar de Sendim conforme se confirma na documentação medievla:

ECCLESIE SANCTI MICHAELIS DE SENDIM (CCLP, pp. 307-308).



14 de maio de 1951

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"

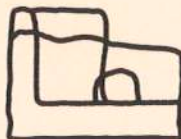


A pia baptismal

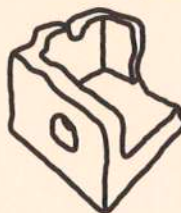
Diz a lenda que aproximando-se o tempo do baptismo, o pai e a mãe de S. Rosendo tomam a firme resolução de que recebesse o sacramento da fé no local onde tinha sido prometido por Deus, através do anjo. Ora, quando a pia de pedra, na qual havia de ser regenerado, era transportada num carro puxado por bois, por providência da divina graça, ao passar diante dos batentes da Igreja de S. Miguel, que há pouco haviam consagrado, o carro quebrou-se, tal como a pia, que vulgarmente se chama fonte, e que se encontra guardada com todas as honras na actual Igreja Matriz de S. Miguel do Couto. Os pais, que interpretaram o acontecimento como sinal e determinação divina, baptizaram ali o menino e desvincularam por direito testamentário a igreja de S. Miguel da igreja de S. Salvador, que fica no monte Córdova, onde tinha sido prometido.



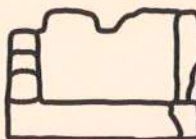
Pia baptismal românica, em cima, pia baptismal de S. Rosendo, em baixo, monólito de granito de grão fino, da região.



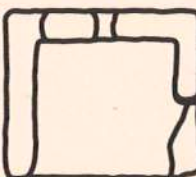
Alçado



Perspectiva



Alçado e Planta



O baptismo por imersão

O baptismo é o primeiro dos sete sacramentos e a porta para os demais. Era um rito purificativo praticado por certos grupos judaicos no tempo de Cristo. É também, a par do crisma e da comunhão, o primeiro dos três sacramentos da iniciação cristã requeridos para ser cristãmente adulto. No século I, a Igreja já praticava o baptismo por imersão. No século II a celebração do baptismo torna-se mais complexa. Voltado para ocidente, o catecúmeno (alguém que já foi admitido à fé, mas que está em preparação para os sacramentos) renunciava ao pecado, e depois, voltando-se para Oriente, proclamava a sua fé. Descendo nu para a piscina, o sacerdote derramava-lhe água na cabeça por três vezes.





rudensindianus

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"

São Miguel do Couto



S. Rosendo, escultura do séc. XVII



S. Miguel, escultura estofada, séc. XVIII

Os vestígios Rudensindianos constituem um motivo de grande interesse em São Miguel do Couto, nomeadamente no interior da Igreja, onde se conservam algumas **memórias Rudensindianas**:

A pia baptismal-tanque de imersão; um braço relicário com óculo violado onde se guardou uma relíquia de S. Rosendo; escultura de S. Miguel de madeira estofada; imagens de S. Rosendo representando o santo como bispo ou abade; e quatro pinturas maneiristas representando uma delas a aparição de São Miguel a Santa Ilduara e outra alude ao baptismo de S. Rosendo; e, uma pia baptismal românica.



Pinturas de S. João Baptista e de S. Bartolomeu, século XVII



Relíquia, antebraço do século XVII



Pinturas maneiristas: Anunciação do Anjo e Baptismo de S. Rosendo, século XVII



S. Rosendo

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"



Vida e Obra - "os primeiros passos"

Em 916, com apenas 8 anos de idade, S. Rosendo recebeu de seus tios, Nepociano e Aragundia, uma villa nas imediações do Porto - Valadares. Algum tempo depois, seu tio avô e conselheiro espiritual, o bispo de Mondonhede (Galiza), de nome Sabarico, doou-lhe propriedades no território de Nende perto da Corunha. Também o bispo Ansur, de Orense, o favoreceu doando-lhe o território de Armeá, em Lugo (Galiza). De sua tia Gontrode, veio a receber a villa de Faro, também perto da Corunha.

Com apenas 11 anos de idade, S. Rosendo acompanha o seu pai Guterre Mendes e o seu tio Arias Mendes na corte leonesa de Ordonho II e da rainha Elvira Mendes, sua tia paterna.

Para além de uma educação teológica, recebida em casa do seu tio, o bispo Sabarico, onde aprendeu latim e grego, S. Rosendo recebeu também educação nas armas, própria de uma família nobre e poderosa como era a sua.

No ano de 922, ascende a abade da igreja monacal de Dume. Monge por vocação e bispo por eleição, sucede a seu tio Sabarico, que morreu entre os anos de 925 e 927!

Permaneceu em Mondonhede até 948, ano em que renunciou à mitra retirando-se para Celanova, mosteiro que mandou edificar.



Imagem da antiga igreja paroquial de Monte Córdova, com orientação para Sul



Campanário





14 de maio de 1945

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"

Vida e Obra - Percurso Eclesiástico

Abaciado

Segundo alguns autores, S. Rosendo assumiu o abaciado em Caaveiro. Outros, porém, afirmam que foi prelado de São Salvador e depois de Santa Cruz de Porto Marín, junto do rio Minho, na Província de Lugo, como prova um documento de 9 de Março de 925, onde, a propósito de uma partilha de bens com Gundolfo, se diz que o doador teria trespassado uma quarta parte ao mosteiro e outra quarta parte ao seu abade de nome Rosendo.

Bispo de Dume e de Mondonhedo

Foi Bispo de Dume, perto de Braga, ainda aos 18 anos, conforme a Vita. Dume fora na época diocese. Teve prelados ilustres, como S. Martinho, o seu primeiro Bispo. Mas, com as invasões árabes, os bispos de Dume fugiram para Mondonhedo, tal como acontecera com os bispos de Braga, mas estes refugiando-se em Lugo.

Em 877, Afonso III de Leão transferiu para Mondonhedo a sede episcopal de Dume, com todos os seus bens.

"Entretanto a sede de Dume ficou privada de pastor. Nela, com aplauso do povo e entoando o clero inteiro louvores a Deus, por cuja vontade e revelação sucedia, com a anuência de Ordonho, filho de rei Ramiro, e de todos os cavaleiros, foi ordenado bispo São Rosendo, aos 18 anos de idade. E foi bispo de Mondonhedo até ao ano de 942".

Bispo de Iria Flávia - Santiago de Compostela

Iria Flávia era na época uma importante diocese, tendo hoje outro centro de gravidade, que é Santiago de Compostela. Aqui foi pastor, numa situação de grande obscuridade e confusão, São Rosendo.

Era prelado, por 964-966, Sesnando, preso por ordem do rei D. Sancho I.



São Rosendo, escultura do século XVII



Pórtico de entrada



S. Rosendo

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"



Vida e Obra - Acção Militar

Pela biografia de São Rosendo passam os reis de Leão, Afonso III, Ramiro II, Ordonho III, Sancho I, e Ramiro III.

No tempo de Sancho I, Rosendo toma o comando das operações militares e "liberta a pátria portugalense da perfidia dos pagãos, tornando também a Galiza segura da insolência dos Gauleses", como diz o investigador Emilio Sáez.

A importante acção militar de S. Rosendo, deveu-se sobretudo à situação de vazio no poder político vivido no Noroeste Peninsular.

Neste contexto, Rosendo não se coibiu de reunir um exército invocando um versículo de um Salmo: "Estes põem a sua força nos carros, e aqueles nos cavalos, mas nós invocaremos o nome do Senhor nosso Deus". Foi ao encontro dos Normandos, no norte da Galiza, e, com a ajuda divina, conseguiu um feito brilhante de os expulsar da Galiza.

Foi então recebido como herói pelos cidadãos de Compostela. Todavia, Rosendo nunca se valeu dos feitos. Procurou sim, na sua acção eclesiástica, manter um bom relacionamento com os monarcas, descendentes familiares ou não, e com isso beneficiar a igreja e os cristãos.



Avelino Leite

Além do seu papel como Bispo, S. Rosendo foi governador político-militar, por carta de comisso, com data de 19 de Maio do ano 955. Bem dele se poderia dizer o que de outros, mais tarde, se diria: numa das mãos a cruz, noutra a espada...

Comisso - comitatus: circunscrições em que o reino se dividia. Conde era uma dignidade vitalícia.





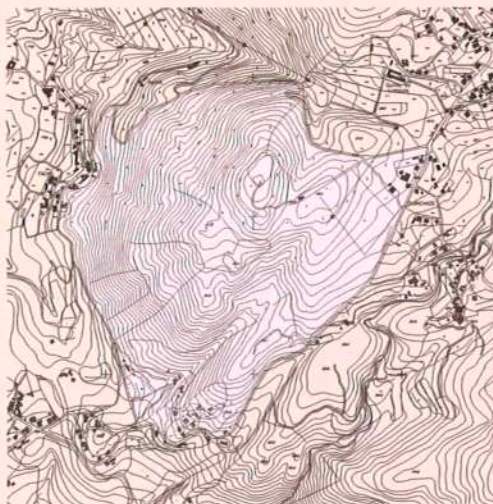
Handwritten text: "A d'Alm 445"

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"

O Mosteiro de Monte Córdova

O castro do Monte do Padrão é uma das principais referências patrimoniais do concelho de Santo Tirso. A sua presença, de grande destaque na paisagem, imprime uma marca indelével no território que, aliada à carga histórica e simbólica que possui, projecta a localidade em toda a região. Simbolismo esse que advém da intrínseca relação existente entre a área arqueológica e uma das principais personalidades históricas da cristandade medievla do Noroeste Peninsular - S. Rosendo, um dos mais ilustres tirsenses. Este vínculo faz com que o imóvel transcenda o seu valor enquanto objecto de ciência, para se projectar como uma referência intemporal do processo de reconquista e povoamento do território que, mais tarde, viria a ser Portugal.

O castro do Monte do Padrão encontra-se classificado como Monumento Nacional, desde 16 de Junho de 1910, inicialmente com a designação de Castro de Monte Córdova, tendo sido rectificada a sua denominação para Castro do Monte do Padrão em 6 de Novembro de 1951 - Dec. Lei n.º 38.491, art.º 3.



Zona Especial de Protecção do Castro, 92,3 hectares	
Referências métricas	Referências arqueológicas
Área estimada de dispersão de ruínas 10 hectares	Edifícios romanos (1950 - 1956) 1439 m2
Área da plataforma superior 2 hectares	Domus Sul (1992 - 1995) 420 m2
Propriedade da CHST 35 000 m2	Domus Este / Complexo medieval (1986 - 1989 / 1999 - 2005) 418 m2
	Área total interveniada 2513 m2
	Área castreja / face Norte (1991) 96 m2
	Muralha / face Sudeste 142 m2



Fotografia aérea do castro do Monte do Padrão - Monte Córdova





O Mosteiro de Monte Córdova



Extracto da Carta Militar,
Monte do Padrão



Extracto da Carta
Geológica



Extracto da Carta de
aptidão agrícola



Capela do Senhor do
Padrão

O castro do Monte do Padrão localiza-se na freguesia de Monte Córdova, concelho de Santo Tirso, distrito do Porto, a poucos quilómetros a sudeste da sede do concelho. O acesso ao castro pode fazer-se a partir da povoação de Monte Córdova, em direcção ao lugar de Quinchães, tomando-se, de seguida, o caminho florestal que dá acesso à capela de Nosso Senhor do Padrão, que fica localizada no sopé do castro.

O castro ocupa um esporão rochoso do maciço montanhoso conhecido por Serra de Monte Córdova, que corresponde a um dos relevos mais significativos da sua vertente Oeste. Encontra-se implantado na área limite das bacias hidrográficas dos rios Ave e Leça, integrando a face Norte a rede de drenagem do Ave e a face Sul a do rio Leça, encontrando-se sobranceiro ao vale do rio Sanguinhedo e ribeira do Matadouro, ambos afluentes do rio Ave, na sua margem esquerda e, para Sul, a veiga de Refojos e Agrela, pertencente à bacia hidrográfica do rio Leça.



Senhor Jesus do Padrão, cruzeiro de
dupla face

O padrão consiste numa pequena imagem de Cristo crucificado que integra actualmente a representação do calvário no altar da capela do Senhor do Padrão. A cruz, de tipologia latina, possui uma base rematada por uma moldura em três das suas quatro faces, a partir do qual se desenvolve um espigão de perfil tronco-cónico que serviria de encaixe na base de um cruzeiro ou pilar. Numa das faces conserva uma imagem em relevo de menor dimensão que a primeira, igualmente de Cristo na cruz.

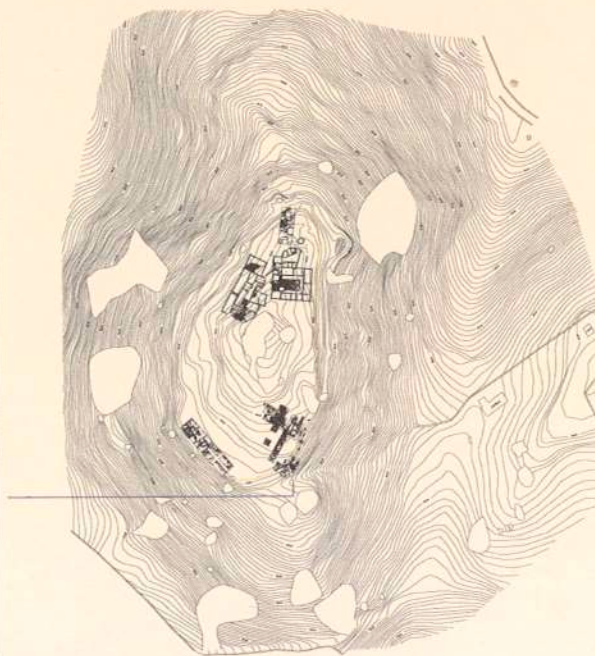
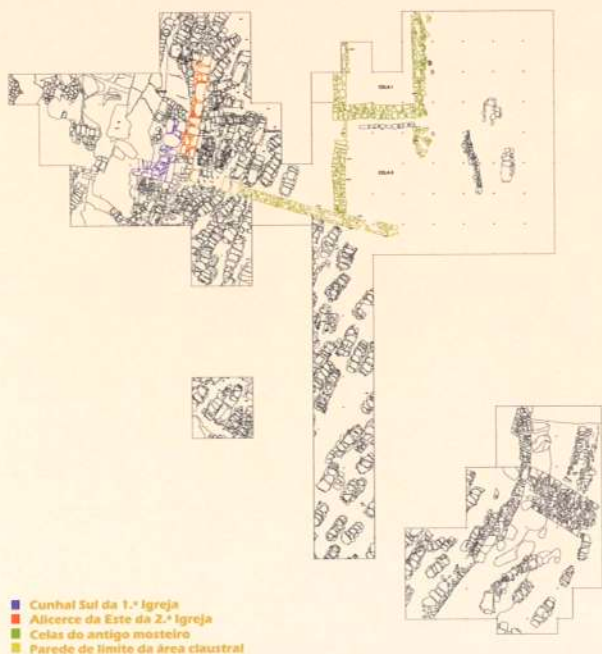




14 de maio de 1945

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"

O Mosteiro de Monte Córdova



Planta da área medieval, plataforma superior - limite sul da necrópole. Planimetria das ruínas do castro do Monte do Padrão

A ocupação da alta Idade Média do castro do Monte do Padrão remonta à primeira metade do século X, que corresponde à fase de construção e ocupação do primeiro mosteiro pelos pais ou pelo próprio S. Rosendo. O cemitério do Monte do Padrão enquadra-se no fenómeno da emergência dos cemitérios rurais, polarizados em torno das igrejas paroquiais, documentado no Noroeste Peninsular a partir do século IX, a que vulgarmente se chama "tumulatio apud ecclesias". Os vários tipos de sepulcros revelam uma comunidade cristã de diferentes estratos sociais, polarizada em torno da igreja paroquial e mosteiro anexo.



Cruz em prata dourada, Monte do Padrão



Placa esmaltada, Monte do Padrão



14 de Abril de 1945

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"



O Mosteiro de Monte Córdova

O mosteiro de Monte Córdova e o mosteiro de Santo Tirso

Em 1138, D. Mendo, abade de Santo Tirso, teve em mãos um longo processo de divergências com os clérigos de S. Salvador de Monte Córdova, devido a uma levada de água (Rego dos Frades) que do alto do dito monte, por espaço de uma légua, e mais, por grandes circuitos e rodeios, descia até ao mosteiro beneditino, sendo muitas as questões tratadas em tribunal. Questão aliás que ficou resolvida nos seguintes termos: "que só aos Sábados fosse a dita água dos clérigos e vizinhos de Monte Córdova, e todos os mais dias do mosteiro".



Legenda:

— traçado do Rego documentado
 - - - - - traçado do Rego provável

Rego dos Frades

O Rego dos Frades é uma notável obra de engenharia hidráulica concretizada pelos monges bentos do mosteiro de Santo Tirso cuja existência se documenta pelo menos a partir do século XII. Consiste concretamente num canal de condução de água para rega e alimentação de engenhos hidráulicos, que tem início numa derivação do rio Leça, no lugar de Pereiras, e termina no tanque de rega no interior do mosteiro, junto à antiga botica.



Admirável

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"

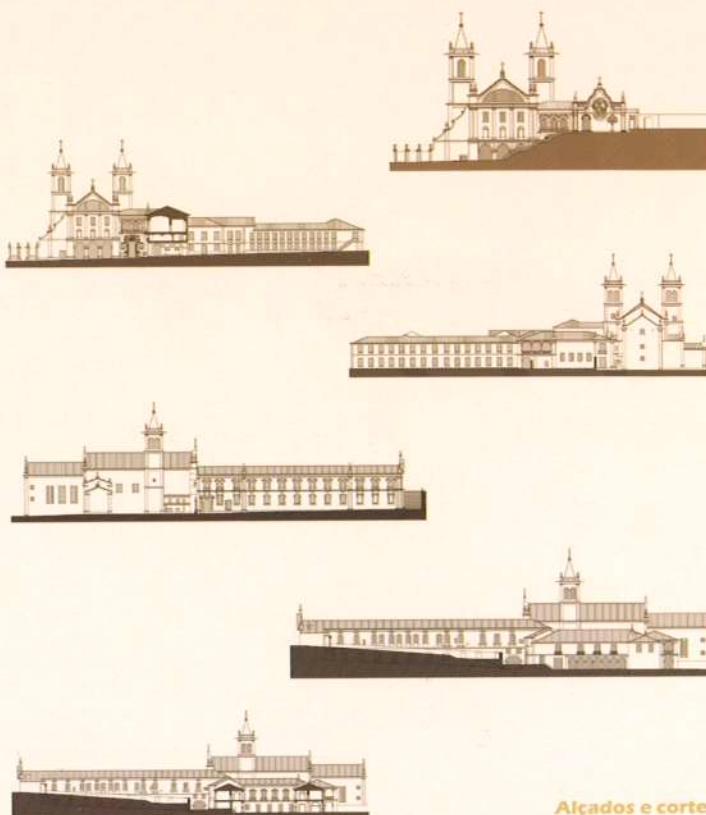
O mosteiro beneditino de Santo Tirso



Fotos Vrs - 360 °



Planta de cobertura



Alçados e cortes

O mosteiro de Santo Tirso foi fundado por Dona Unisco Godines, um ano após a morte de S. Rosendo, em 978. Em 1092 dá-se a sua filiação na ordem beneditina. Em 1098, o couto de Santo Tirso que no ano anterior fora demarcado a favor de Soeiro Mendes, foi por este fidalgo cedido ao mosteiro de Santo Tirso, tornando-se um dos mais ricos de Portugal. Pouco resta do primitivo mosteiro e do seu templo de traça românica. Em 1910, o primeiro claustro foi classificado Monumento Nacional.



Admirável

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"



Vida e Obra - S. Rosendo em Pitões

Não se conhece outra freguesia, em Portugal, de que S. Rosendo seja ou tenha sido orago, para além de Pitões das Júnias.

Foi paróquia na Idade Média. No segundo semestre de 1746, já há muito que S. Rosendo de Pitões, em Barroso, Trás-os-Montes, se extinguiu como paróquia e se anexara à de Santa Maria das Júnias. Deixará, pois, de ser freguesia, para se transformar em mera localidade de Santa Maria, e a matriz de S. Rosendo passaria a simples capela ou ermida da freguesia absorvente.

Em meados do séc. XVIII, ainda possuía duas coisas que são características de uma igreja paroquial: tinha pia baptismal e santos óleos. Mais, aí se ouvia missa conventual, aos Domingos, na metade do ano, durante o tempo de Inverno.



Mosteiro de Pitões das Júnias - Montalegre

Em 1977, de 20 a 27 de Novembro, a Câmara Municipal de Montalegre promoveu as Comemorações do milénário da morte de S. Rosendo que ocorrera em 977.

Nessas jornadas, em que o P.e António Fontes teve uma participação muito activa, participaram Carlos Faya Santarém, da Câmara Municipal de Santo Tirso, Angel Martinez Vasquez "Anxo", o Bispo de Lamego, D. António de Castro Xavier Monteiro, Frei Damian Yañes Neira, do mosteiro de Osseira e outros intelectuais.



Altar de São Rosendo, em Pitões das Júnias





14 de Abril de 2007

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"

Vida e Obra - S. Rosendo, Bispo de Dume, Braga

Canonizado no séc. XII, o culto de S. Rosendo não se expandiu muito no Portugal de hoje e mesmo na Galiza. É bem limitada a devoção a este santo que se circunscreve a poucos locais do norte de Portugal: em Santo Tirso, em Santa Maria das Júnias... E com pegadas quase apagadas em Braga e no Porto.

Mas havia razões que justificassem o contrário. Particularmente em Braga, já que S. Rosendo foi bispo de Dume. Uma a propósito das ordenações que D. Gil, bispo de Titópolis, efectuou a 1 de Março de 1487 e que o notário registaria com a circunstância cronológica de que a cerimónia teve lugar em dia de S. Rosendo.

Um pouco à frente, em 1508, entre os ordenados, cita-se um tal Afonso, filho de João Afonso e de Margarida Dias. E acrescenta-se: que era da freguesia de S. Rosendo.

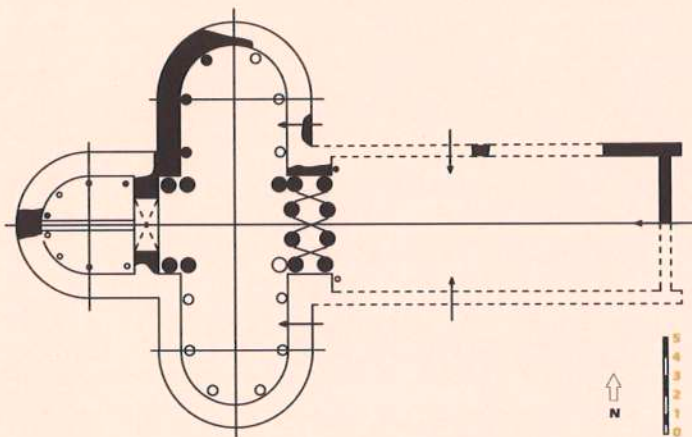
No séc. XIX, Camilo vai lembrar S. Rosendo. Para denegrir o Porto, em cuja burguesia se não reencontrava.



Túmulo de S. Martinho de Dume, em baixo pormenor da tampa superior



Planta da basílica sueva de Dume, séc. VI. Em cima, actual Igreja de Dume, Braga.



M. de Sousa

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"



Vida e Obra - Igreja de S. Vitor, Braga

A Igreja de S. Vitor, em Braga, foi mandada construir entre 1677 e 1690 por D. Luís de Sousa "Senhor de Braga e Arcebispo Primaz das Espanhas". Já depois da sua morte (1690), em Abril de 1692 o interior da igreja seria revestido de azulejos, à imagem das igrejas da corte e do Alentejo, conforme desejo de D. Luís de Sousa.

A escolha do mestre de assentar azulejo recaiu sobre João Neto da Costa, natural de Vila do Conde, sendo certo que a pintura dos mesmos se deve a Gabriel del Barco e Minusca, artista de olarias de Lisboa.

Na nave da Igreja, que mede 23,35 x 9,35 m, encontram-se as figuras de alguns santos locais e na companhia de santos que foram bispos de Braga, entre os quais São Rosendo, bispo de Dume. Os azulejos referentes a São Rosendo retratam também cenas do milagre da pia baptismal e do milagre de Vieira. Este último, realizou-se no mosteiro de São João de Vieira, em Basto, quando dois trabalhadores se encontravam a consertar os telhados, caíram, morreram e foram ressuscitados por intervenção divina, pela mão de São Rosendo.



Painel de azulejo da Igreja de S. Vitor em Braga. S. Rosendo ressuscita dois operários - milagre de Vieira, e fachada da actual igreja





14 de Maio de 145

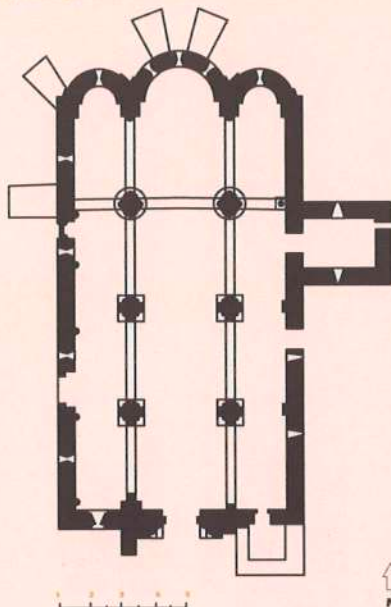
"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"

Vida e Obra - S. Rosendo, Bispo de Mondonhedo

Da obra de S. Rosendo, destacam-se dois centros: Celanova e Mondonhedo. A silhueta inconfundível de S. Rosendo ficou bem patente em Mondonhedo, onde a sua actividade pastoral lhe esgotara as energias da sua alma de apóstolo devotado. Uma mostra concreta desta devoção minduniense, é o calendário das Constituições Sinodais que relembriam a solenidade deste santo, para o dia 1 de Março. E, na segunda parte do sec. XVII, já se fala deste santo como padroeiro da mesma diocese. Foi nesta altura que a celebração do ofício divino veio a impor-se em toda esta circunscrição eclesiástica, após a aprovação da Santa Sé, a 23 de Outubro de 1693. Por fim, na edição galega do Missal Romano figurará a missa de S. Rosendo que se propõe como solenidade para a diocese de Ferrol-Mondonhedo e como festa de memória obrigatória nas restantes dioceses da Galiza. Mas há outros sintomas. Bastariam as imagens que dele se possuem para testemunhar a veneração de que foi objecto.

Em baixo, à direita, pormenor do retábulo do altar da igreja de S. Martinho de Mondonhedo e igreja de São Martinho de Mondonhedo, na Foz, em Lugo.

À direita, vista parcial da cabeceira da catedral de Mondonhedo.



Planta da igreja de S. Martinho de Mondonhedo.



S. Rosendo

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"



Vida e Obra - S. Rosendo Bispo de Mondonhedo



Escultura de S. Rosendo, no remate da fachada da catedral



Pintura seiscentista de S. Rosendo com Alonso Messia de Tobar, na sala do capítulo



Fachada da catedral de Mondonhedo

Há quem considere o mosteiro - abadia de Mondonhedo como o centro formador da vida e da educação humana e espiritual de S. Rosendo por influência do seu tio, o Bispo Sabarico, a quem veio a suceder após a morte deste.

S. Rosendo viveu um largo período em S. Martinho de Mondonhedo, num território que lhe foi doado pelo rei asturiano Afonso III. Daqui partiu o anúncio da fé e da renovação dos costumes para as terras do noroeste da antiga Galécia Romana, protagonizados por S. Rosendo.

Por conseguinte, S. Rosendo encontra-se intimamente ligado à história da diocese mindoniense até aos dias de hoje, mas o seu impacto ficou marcado diferenciadamente na vida política e cultural da região.

A diocese de Mondonhedo viria posteriormente a sofrer constantes trasladações, já nos séculos XI e XII, altura em que se fixou, depois de enfrentados os ataques normandos e muçulmanos.

No interior da catedral de Mondonhedo destacam-se pinturas murais do século XV e talha dourada de grande relevância e significado artístico.



Vida e Obra - S. Rosendo, Bispo de Iria Flávia / Compostela

A paz monacal de S. Rosendo viria a ser novamente perturbada, quando foi chamado para Iria Flávia, localidade situada a Sudeste de Compostela.

A diocese de Iria encontrava-se num vazio de poder espiritual quando São Rosendo é convidado para gerir os seus destinos. Inicialmente, Rosendo ofereceu resistência por se considerar, humildemente, indigno de tal tarefa.

Entre 964 e 966, quando morre o rei D. Sancho, o bispo Sesnando de Iria largou a diocese. E é provável que S. Rosendo a tenha administrado até 974. Mas só desde 970, até então encontrando-se em Celanova.

S. Rosendo teve um papel fulcral em Iria, sobretudo na clarificação dos títulos de propriedade, evitando conflitos de interesses. Durante esse período como bispo de Iria, reformou também a disciplina de vários mosteiros, revendo inclusivé as escrituras de doação das várias igrejas, enquanto contagiava os clérigos com o seu dinamismo e zelo apostólico.

Handwritten signature: *Rosendo*

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"



S. Rosendo de Caaveiro



Imagens de Iria, em cima, fachada principal, em baixo, interior da actual Igreja



S. Rosendo e os seus sobrinhos Bispos



S. Rosendo

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"



Vida e Obra - O Mosteiro de Celanova

O mosteiro de Celanova foi construído no espaço de tempo que vai de 936 a 942, em terra que Froila, irmão de S. Rosendo, cedeu para o efeito.

Para o povoar mandou o santo vir monges de outras partes. Entre eles, um, o abade do mosteiro de Santo Estêvão de Ribas de Sil, de nome Frânquila. O santo bispo pô-lo-á à frente deste mosteiro de Celanova.

A inauguração foi a 6 das Calendas de Outubro de 980 - cronologia expressa no documento, que é o sermão e o instrumento da dotação do mosteiro pelo santo -, o que corresponde a 25 de Setembro de 942. Calhou a um Domingo.

Após o final do sermão, virá o rol dos bens móveis e imóveis, com que o santo dotaria o mosteiro: vilas e igrejas, que muitas foram, desde as margens do Minho - de uma e outra banda -, até Coimbra, livros litúrgicos e de edificação, alfaia de ouro e prata, paramentos, etc.

Regresso a Celanova

Em 967, S. Rosendo regressa como simples monge ao mosteiro que fundou. Mais para acompanhar os seus que para descansar. E aí morreria a 1 de Março de 977.



S. Rosendo e a capela de S. Miguel, em Celanova, obra do entalhador F. Castro Canseco, séc. XVII, coro do mosteiro



Breviário do séc. XV, com regra de S. Rosendo





Handwritten text in a stylized script, possibly a signature or a name, in black ink on a yellow background.

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"

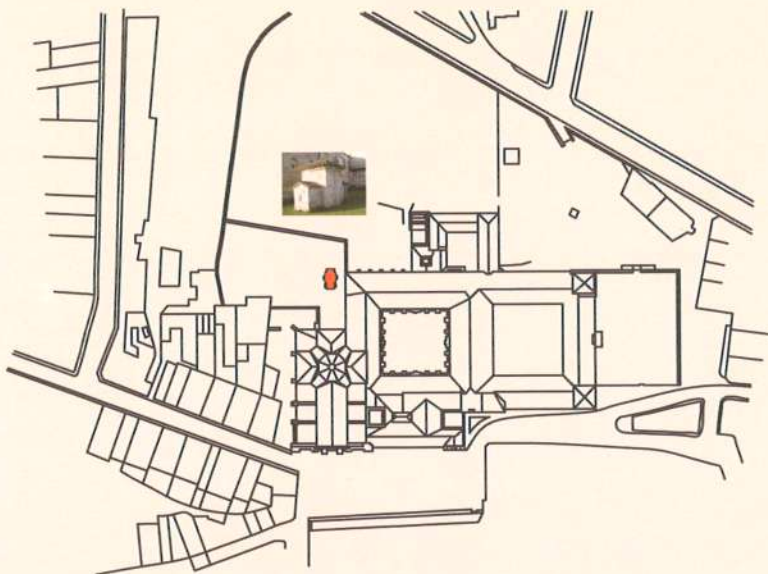
Vida e Obra - Capela de S. Miguel de Celanova

A construção do mosteiro e da capela de S. Miguel:

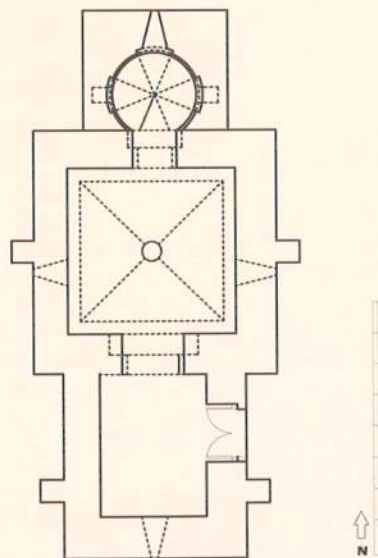
Tinha o mosteiro três capelas - uma em honra de S. Salvador, uma segunda em honra de S. Pedro e ainda uma outra em honra de S. João. Este cenóbio rudesindiano já não existe hoje. O actual é da segunda metade do século XVII. Mas, dentro da cerca do mosteiro, ergueu o fundador o pequeno templo de S. Miguel Arcanjo, a modos de um pequeno refúgio, construído de pedra, de maravilhosa fábrica que suscita a admiração de quantos o observam, dir-se-á na Vita de S. Rosendo.

Esta ermida, de feição moçárabe, reforça a indole contemplativa de S. Rosendo, testemunha a lembrança grata do irmão que lhe ofertou as terras do mosteiro celanovense. Garante-o a epigrafe, do dintel sobre a porta de ingresso na parede lateral sul e evoca a terra de Santo Tirso, onde por anúncio do dito Arcanjo, D. Ilduara o concebeu.

O mosteiro de Celanova foi construído no espaço intermédio entre o ano 936, data da cedência do terreno, e o ano 942, data da fundação.



Planta do Mosteiro de Celanova - Enquadramento da Capela de S. Miguel



Planta da capela de S. Miguel

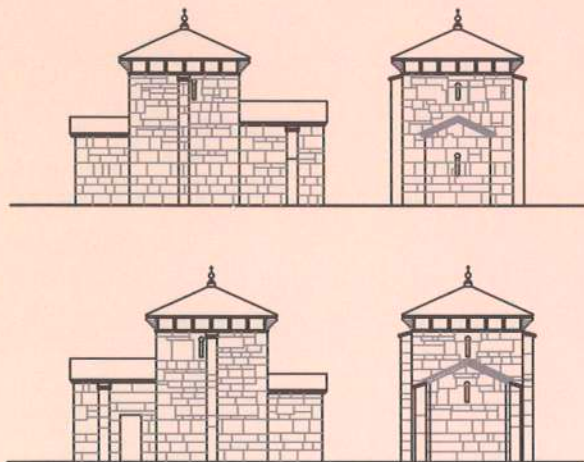


MC aniv 907

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"



Vida e Obra - Capela de S. Miguel de Celanova



Alçados da capela de S. Miguel

A Capela de São Miguel, em Celanova encontra-se implantada junto ao mosteiro, e é considerada por muitos autores como a jóia de Celanova.

É um dos poucos monumentos espanhóis do século X. Exemplar típico da chamada "arte do repovoamento", possui os traços arquitectónicos da influência árabe. Monumento Nacional desde 1923.

Interiormente as suas medidas são de 8,50 por 3,85 m de planta e 6 m de altura.



Imagens do interior e exterior da capela de S. Miguel, em Celanova





14 de maio de 1907

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"

Vida e Obra - O Mosteiro de Celanova

Bispo de Dume, de Mondonhede, de Iria, hoje, Compostela, teve o santo um apego todo especial à vida de contemplação. Por isso é que, às vezes - quando prelado de Mondonhede -, se recolheu ao cenóbio de Caaveiro. Foi talvez aí que lhe veio à ideia a intenção de fundar o mosteiro de Celanova. O nome foi-lhe posto pelo próprio S. Rosendo. Talvez, por oposição ao lugar onde nasceu e foi baptizado: Cela topónimo que ainda hoje sobrevive em S. Miguel do Couto. Este subentendido, claro, de velha, em franca oposição ao de Cela Nova. Quanto àquele, testemunha a sua antiguidade o próprio inquérito paroquial de 1758: Tem (S. Miguel do Couto) seis aldeias que vêm a ser: Bonjardim, Cela, Sandim, Bacelo, Fontes e Areal. Um laço mais estreito entre as duas localidades lhes advirá do orago: o da igreja onde nasceu, e o da capela de S. Miguel, no interior da cerca do mosteiro galego, que o nosso santo também houve de erigir.

O sítio da fundação rudesindiana, de facto, tivera outro nome: lugar de Vilar, em Terras de Bubal, à beira do Sorica ou Sorga, afluente do Arnoia.

Pertencera ao pai de S. Rosendo. Ao morrer, por 933, deixara os bens aos filhos: Munio, Froila, Adosinda, Ermesenda e S. Rosendo.

Vilar coubera a Froila.

Mas cederia a terra ao nosso santo. E foi aqui, neste lugar, que S. Rosendo o baptizaria com o nome de Celanova.

A cedência e a nova designação toponímica constam do documento datado de 12 de Setembro de 936.

Dirá Froila, com sua mulher:

"[...] ofereço para glória e honra do Vosso nome (scl., de Deus) e para salvação da alma de meus pais, Guterre e Ilduara, a vila sita na Galiza, em território de Búbalo, no sopé do monte Laboreiro, na margem do ribeiro de Sória, a que chamam Vilar (...) e que, daqui em diante, se há-de dizer de Cela Nova [...]"



Pergaminho de Celanova



Epigrafe rudesindiana, a favor de seu irmão Froila, capela de S. Miguel



14 de Maio de 1907

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"



Vida e Obra - O Mosteiro de Celanova

Em testamento S. Rosendo deixaria o galardão do mosteiro, no qual se recolheu e onde foi sepultado. Aqui se acalentaria a devoção, quando os seus restos mortais se recolheram em túmulo de prata, em 1601, com uma outra "vita", em imagens cinzeladas pelo génio artístico de João de Nápoles. Veio a recontar, aos alvares do sec. XVII, as maravilhas do santo bispo e fundador do seu querido mosteiro.



Aparição do Anjo



Baptismo



Missa Celestial



Milagre de Vieira



Túmulo de S. Rosendo, em Celanova, arca de prata da autoria de João de Nápoles





14 de maio de 1907

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"

Os Milagres

Os exemplos de milagres estendem-se por um período histórico de três séculos (séculos X a XIII). A área geográfica em que os milagres de S. Rosendo se verificaram é limitada à Península Ibérica. Há que ter em conta uma divisão relativa ao próprio santo: os milagres feitos antes da morte e os milagres feitos depois da morte sendo que estes últimos devem ser enquadrados numa outra realidade política e também mental.

Terminado o primeiro tempo da reconquista, a luta passa a ser pela definição de fronteiras entre os reinos cristãos da península. A par desse objectivo deve ter-se em conta desde logo um outro: a tendência para a centralização dos poderes régios e a isenção dos mosteiros que, como Rosendo indicara para Cela Nova, serviriam o rei depois de Deus. Mas ser-lhe-iam, no entanto, fiéis. Os milagres que iremos de seguida classificar são os que ficaram descritos pelo monge Ordofio de Cela Nova.

São quatro os milagres descritos como passados em vida do santo; três são íntimos e apenas um é público. A sua descrição parece destinar-se a colocar os potenciais leitores frente a um homem indubitavelmente marcado por Deus, desde as próprias circunstâncias da sua concepção e nascimento. Ele vê, sente, pressente a morte de outros, mesmo dos bons; essa capacidade leva-o a poder avisá-los para que se preparem para esse momento (milagre 1); ele vê, sente, pressente, o que Deus quer; descobre, para ensinar, o valor sagrado do ofício divino e essa sua percepção, no mosteiro ou fora dele, é ensinada aos outros, de modo a dignificarem, em conjunto, cada um dos momentos sagrados do Ofício (milagre 2); ainda do mesmo estilo se apresenta o milagre 3, que manifesta a força do Espírito no santo, presente em qualquer lugar em que este mesmo se encontre, mas permanentemente com a finalidade de levar as almas para Deus. A santidade de Rosendo, sobejamente manifesta nestes três primeiros milagres, torna-se ainda mais palpável no quarto. O bispo, mesmo sabendo ter sido posto em causa por pensamentos baixos, aceitou manifestar a grandeza da sua santidade dando vida ao pecador.

De teor diferente são os restantes trinta e oito milagres. De entre eles destaca-se um grupo que poderemos designar por milagres de tipo evangélico. Na sua grandiosidade, no seu aparato, na sua consequência física, este tipo de milagres tem certamente uma função eminentemente catequética, tal como a têm as pinturas góticas ou os sermões dos grandes pregadores. Contam-se neste grupo as curas. As descritas aconteceram em doenças de três tipos: a paralisia, a cegueira e o demónio.

Outros tipos de milagres: protecção ao convento e aos monges. Inserem-se neste tipo todos os milagres feitos a monges seus, ou por pedido ou indicação destes.

Tipo universalista do milagre: a sua importância está na universalidade da salvação. Assim como Deus, em Jesus Cristo, salvou todos os homens, assim em Rosendo actua pela graça de Deus para a cura dos males.

Supremacia de Cela Nova. Neste tipo apresenta-se a mensagem da fundação: o mosteiro foi construído por inspiração divina, e ele é o mosteiro por excelência.

Libertação do poder temporal, classificados de tipo político. S. Rosendo afirma o poder do mosteiro lutando directamente com os poderes régios. Castiga roubos ao mosteiro e ainda injustiças praticadas, devido a questões políticas, mesmo nos mais pobres.



Raimundo

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"



Os Milagres

Exemplo de um milagre - descrição pelo monge Ordonho



O autor pinta o português com a cor da traição e da heresia para justificar o milagre feito em favor do político que incarna a justiça e esse é o seu rei, o rei Raimundo. Três séculos depois da morte de Rosendo no mosteiro de Cela Nova, continuava a cumprir-se o testamento espiritual por ele deixado: primeiro, fidelidade a Deus e logo depois, ao seu rei. Para garantir a legitimidade desse serviço régio, o bispo incama e milagrosamente vence e castiga os abusadores.

O autor pinta o português com a cor da traição e da heresia para justificar o milagre feito em

favor do político que incarna a justiça e esse é o seu rei, o rei Raimundo.

S. Rosendo na sua acção catequética revela um contexto histórico e político que é necessário conhecer para entender como ele agiu e porque agiu no tempo em que o fez. Hoje outros seriam os milagres de S. Rosendo. Para os imaginar teríamos que olhar as carências dos nossos dias e entender as necessidades geradas pelas crises políticas e sociais. Se o conseguirmos e se olharmos à nossa volta certamente não será difícil encontrar uma tipologia diferente da que caracterizou os séculos em análise.



Iluminuras do milagre de Vieira

O Milagre de Vieira

Uma das primeiras representações pictóricas da pessoa de S. Rosendo encontra-se neste manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, datado do séc. XIII. Cópia e ilustra a Vida e Milagres de S. Rosendo, de Ordonho e Estêvão. Na figura da esquerda, o Santo, do lado direito, ressuscitaria os dois operários melévolos. Do lado oposto ao Santo, a sua parente Santa Senhorinha. Outra imagem do mesmo Santo, mostra-o numa das suas intervenções taumatúrgicas.





Adosinda

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"

O Testamento

Extremamente rico, tanto pelo que possuía em Portugal, como, e sobretudo, em Espanha; tanto pelo que herdara, como pelo que lhe fora doado. Se, no testamento, não fala de propriedades, em particular das do actual concelho de Santo Tirso, é porque já as tinha doado ao mosteiro do Padrão, do qual foi fundador. De resto sempre lhe pertencerá, ao mosteiro montecordubense, o padroado de S. Miguel do Couto.

O mesmo se pode dizer dos bens que possuía na Galiza. À data do testamento já tinham sido doados, especialmente ao mosteiro de Celanova. Base desta afirmação, são os documentos que ainda existem de doações de S. Rosendo e seus familiares às instituições monásticas que fundaram ou que beneficiaram.

Inicia-se o testamento, como sempre nas disposições de última vontade, com uma doxologia, uma confissão de fé. No que respeita aos bens legados, limita-se a confirmar o que já antes fizera, aquando da inauguração de Celanova e sua dotação.

O testamento está datado de 17 de Janeiro de 977, ou seja, mês e meio antes da sua morte. Um documento valioso do mais importante personagem do actual concelho de Santo Tirso.

Assina S. Rosendo. Entre as testemunhas, contam-se: Adosinda, que assina em nome da mãe e dos irmãos de S. Rosendo; Diogo, bispo de Orense; Guilhufo, bispo de Tui; Pedro, bispo de Iria; Rei Ramiro; Veremundo, príncipe; Ordonho, filho do rei Afonso; e, Sancho, príncipe.

Em nome de Cristo. Ao Salvador e Redentor dos homens, por cujo sangue precioso, o mundo dos remidos exulta; a Quem todas as coisas, como seu Criador e Redentor, o mundo louva, juntamente com o Pai e o Espírito Santo, na Trindade Santíssima; (...) Atende a oração humilde deste Teu indigno servo, filho de Guterre e Ilduara. Inspira no íntimo do meu coração aquilo que for do Teu agrado. (...) antes, Pai Santo, estimulado pelas Tuas riquezas, segundo a palavra de Teu Filho: sempre que o destes a um destes Meus irmãos mais pequeninos que crêem em mim foi a Mim que o destes. Assim é de todos bem conhecido que foi fundado e construído um mosteiro em nome da Santíssima Trindade e dos Santos Apóstolos, de S. Martinho, e de outros muitos mártires, de S. Salvador, que se chama de Celanova. Aí vive para o Senhor e Redentor dos homens, com toda a piedade, uma comunidade de frades ou monges que caminham na perfeição, segundo uma regra dos antigos padres e se esforçam por servir fielmente ao Senhor. A Ele, meu Rei celeste e eterno, a eterna glória. Pois, Senhor, o Teu Servo pobre e humilde, o bispo Rosendo, juntamente com a minha mãe Ilduara, construímos no referido lugar e edificámos uma igreja em honra de S. Salvador e de todos os Apóstolos e mártires de Deus e do Arcanjo S. Miguel. E dotámos o convento dos bens necessários para a vida regular. Peço-Vos insistentemente, Senhor, que, pela Tua clemência e por intercessão dos Teus santos, este testamento seja, diante de Ti, abençoado; e que este mosteiro, por Tua protecção, fique em paz e segurança. Peço e suplico-Te que, se alguém - seja ele rei ou da gente humilde do povo, seja parente ou estranho - temerariamente e levado por cupidez quiser pôr em dúvida o valor deste testamento ou dele quiser algo extorquir, seja quem for, que seja castigado neste mundo, tenha morte desgraçada e, na outra vida, a pena eterna. Além do mais, pague ao mosteiro o triplo de quanto prejudicou; e à justiça do rei dois talentos de ouro. E que este testamento continue firme e válido para todo o sempre.



14 de Maio de 1955

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"



As Bulas da Canonização

A canonização é um acto solene pelo qual o Papa, hoje, proclama santo um servo de Deus e aprova o seu culto em toda a comunidade cristã. Esta decisão - agora pontificia, com a Constituição de Urbano VIII, *Caelestis Ierusalem*, de 5 de Julho de 1634 - supõe consequências várias: que possam ser invocados publicamente, nas orações; que possam erigir-se igrejas e altares em sua honra; que possam ter missa e ofício próprio; que se lhes possa consagrar um *dies natalis*, no calendário da igreja; que as suas relíquias se possam expor e venerar publicamente; que se possam esculpir ou pintar imagens suas, com auréola...

A canonização de S. Rosendo foi primeiro válida para toda a Espanha. E a fez o Legado da Santa Sé, na Península ibérica, Cardeal Jacinto Bobone Orsini, o primeiro desta família. Depois, para todo o mundo cristão, pelo mesmo, agora Papa, com o nome de Celestino III. A primeira, em 1172; a segunda, em 1195.

Se, na primeira intervenção, o Cardeal Jacinto se limitava à sua posição de grandeza menor, enquanto Legado pontifício para Espanha (*in gradu minori*), na segunda, de 1195, apela à sua posição de Soberano Pontífice de toda a Igreja (*modo in eminenti specula faciente Domino constituti*).

O cerimonial da canonização consistia, essencialmente, em dois actos: primeiro, a *translatio* ou *elevatio*, ou seja, conduziam-se em procissão os restos mortais do eleito desde o túmulo ao altar da igreja, onde então receberia culto público da parte dos fiéis. E, depois, a *declaratio*: Queremos que seja colocado em lugar digno e eminente e que seja venerado por santo, na terra, por todos os fiéis.

As duas Bulas da canonização de S. Rosendo

Bula da primeira canonização (1172)

Documento da segunda metade do séc. XII, em pergaminho, escrito numa só coluna, de 31 linhas.

Bula da segunda canonização (9 de Outubro de 1195)

Documento em pergaminho, escrito numa só coluna, de 32 linhas.



Nas imagens, iluminuras da *Vita et Miracula Sancti Rudensindi*, século XIII.



14 d B m 4 y f

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"

O Culto de S. Rosendo

Canonizado no séc. XII, o culto de S. Rosendo não se expandiu muito no Portugal de hoje e mesmo na Galiza.

A 1 de Maio de 1601, no decurso de uma cerimónia solene, sob a presidência do Bispo de Orense, D. Miguel Anes de Canaval, houve uma distribuição de várias relíquias de S. Rosendo. E para Portugal trouxeram quatro monges negros do mosteiro de S. Bento do Olivar - nas vizinhanças da cidade do Porto e que recentemente se teria fundado - um osso de S. Rosendo.

Uma das formas menos ortodoxas do culto rudesindiano, deu-se em S. Miguel do Couto, quando D. Rodrigo da Cunha, dirá, após uma visita pastoral à freguesia:

"Guardase ainda hoje (1632) esta pia na Igreja de S. Miguel do Couto anexa a S. Salvador do monte Corua, e fica sobre ella edificado hum dos altares collateraes: a pedra pella deuação, que os fieis tem de tirarem della reliquias pera suas enfermidades, está já por fora notauelmente gastada, e consumida".

Na mesma altura, em 1651, o confirmará Frei Leão de S. Tomás, que visitou o lugar, onde se edificava a igreja de S. Miguel do Couto.

Em Pitões das Júnias, na capela rudensindiana cumpriam os moradores o preceito da santa missa celebrada pelo pároco de Santa Maria. Para complemento do sacrário, já teriam em seu poder a pixide, oferta de um patricio que ao Brasil fora em busca de trabalho e que nunca da sua terra se esquecera. Já tinham fundado mesmo uma Confraria do Santissimo Sacramento, que velasse pelo culto da lâmpada e pela decência da veneração eucarística.

Painel de azulejo alusivo à vida e obra de S. Rosendo, Avelino Leite

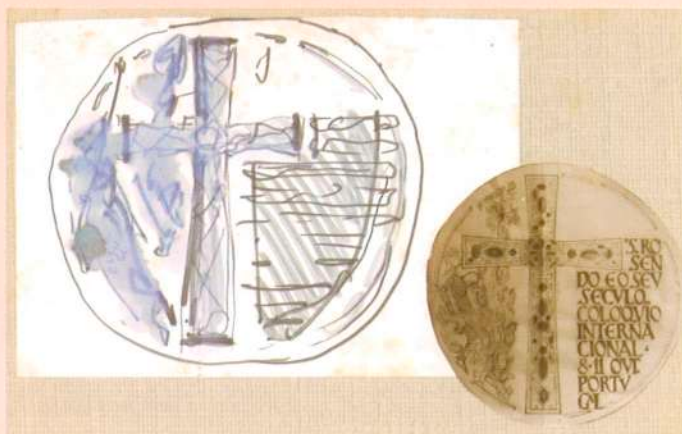


14 de Maio de 1976

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"



Irene Vilar, escultora



Medalha de S. Rosendo - 1970

Primeiro estudo - Irene Vilar

Autora de uma vasta obra de escultura, medalhística, numismática e ourivesaria, Irene Vilar é natural de Matosinhos, município a quem fez um legado de parte da sua obra escultórica, em 1976. É licenciada pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, com 20 valores na tese de escultura, tendo sido discípula de Barata Feyo e Dórdio Gomes. Foi bolseira do Instituto de Alta Cultura e da Fundação Calouste Gulbenkian, no estrangeiro.

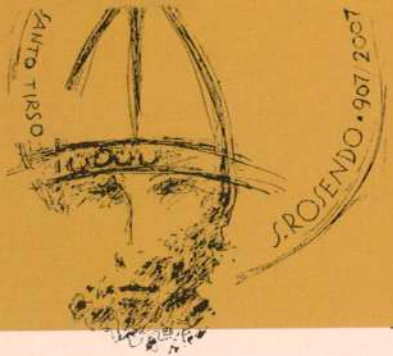
Recebeu os diversos prémios que galardoaram a sua obra destacando-se: Escultura - Vila Franca de Xira; Mestre Manuel Pereira; Bienal de Paris; Nacional de Escultura; 1º prémio da medalha oficial da Europália / 91; 1º prémio medalha Grupo EDP; 1º prémio medalha Cenel / Hidrocenel (EDP) e 1º prémio de escultura no âmbito da Exposição comemorativa do 1.650º aniversário de Santo Agostinho.

Participa, com escultura e medalhística, nas grandes exposições realizadas em Portugal. Entre as mais recentes cumpre referir: Cristo fonte de esperança, no Porto; Morte e Transfiguração, Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA), Lisboa; Natividade 2000, no Mosteiro dos Jerónimos; 100 anos - 100 artistas, SNBA, Lisboa...

Realizou, de entre muitos outros, os seguintes monumentos: a Camões, Garcia de Orta e Guilhermina Suggia, no Porto; ao Bombeiro, em Paredes; ao Artilheiro no Regimento de Artilharia n.º 5, em Vila Nova de Gaia; São Rosendo, em Santo Tirso; ao Pescador, a Florbela Espanca e a Abal Salazar, em Matosinhos; Executou vários baixo-relevos para os tribunais de Valença, Moimenta da Beira, Paços de Ferreira, Porto e Santo Tirso. A sua obra escultórica encontra-se dispersa em Portugal, Alemanha, África do Sul, Brasil, Bélgica, Holanda e Macau.

Recebeu várias distinções, como a de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique, Medalha de Mérito, grau ouro, da Câmara Municipal do Porto, Cidadã do Ano 1989/90, do Lyon's Club de Matosinhos, Medalha de Mérito Dourada da Câmara Municipal de Matosinhos. É vogal-correspondente da Academia Nacional de Belas Artes e Membro - Artista da FIDEM.





14 de maio de 1907

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"

S. Rosendo por Irene Vilar

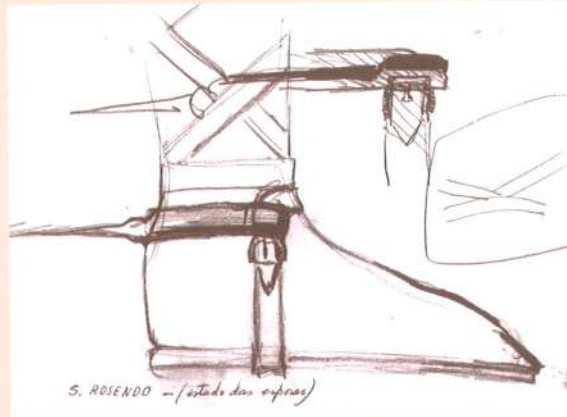
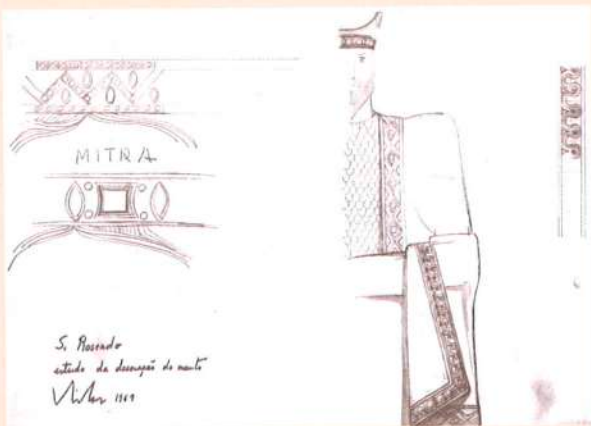


Estátua de S. Rosendo
Praça 25 de Abril - Santo Tirso



As imagens apresentadas mostram os vários estudos efectuados por Irene Vilar no ano de 1969.

A estátua foi inaugurada em 1970. A foto do lado direito, foi tirada em frente da fundição em Vila Nova de Gaia.



Adivinho

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"



S. Rosendo por Avelino Leite



Aquarela de S. Rosendo,
Avelino Leite - 2007



Medalha dos mil e cem anos, (prova
da medalha) Avelino Leite - 2007



Cerâmica de S. Rosendo,
Avelino Leite - 1992

Avelino Leite, artista plástico tirsense, têm-se destacado pleos inúmeros trabalhos na área da pintura, da cerâmica e da medalhística.

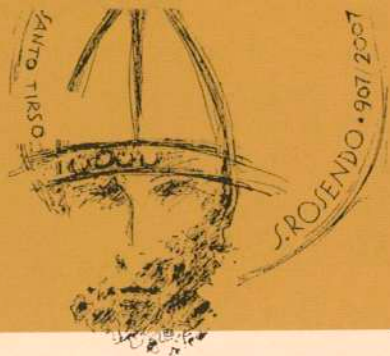
Avelino Leite nasceu em Burgães, Santo Tirso. Frequentou a Escola Superior de Belas Artes do Porto e concluiu o Curso de Artes Plásticas em 1979. Foi Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian entre 1974 e 1977. Foi professor no Curso Superior de Desenho da Escola Superior Artística do Porto. Tem participado em inúmeras exposições e realizado vários trabalhos no campo da pintura e da cerâmica.



Adivinho o primeiro contorno da imagem nua, quando o sono da cor ainda não é sonho - nem imagem. Um traço na transparência já envolvente, depois o secreto místico, um rosto interrompido pela serenidade do pássaro que adormece a voar e acorda o tempo. Ritual onde se omite o horizonte e o princípio. Espaço mistério ou dança trespassada de tentações e linhos nos claustros de qualquer manhã. Aqui onde me atrevo a olhar o teu trabalho na invenção de emoções que não pintaste - outras - aqui ignorantemente te entendo, me reclino e me contento.

"Avelino", por Margarida Carpinteiro,
Actriz e Escritora



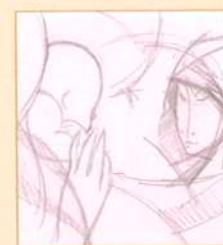


14 de maio de 1907

"pastor egrégio, monge piedoso, defensor do solo pátrio"

40

Santo Tirso no murmurar das águas... Terras de S. Rosendo - aquarelas e esboços



FICHA TÉCNICA

Exposição

Realização e Produção

Câmara Municipal de Santo Tirso
Divisão de Património e Museus

Coordenação

Álvaro de Brito Moreira

Execução

Álvaro de Brito Moreira
Nestor Rebelo Borges

Colaboração

Francisco Carvalho Correia
Irene Vilar
Avelino Leite

Câmara Municipal de Matosinhos
Eco-Museu de Montalegre
Ayuntamiento de Celanova
Manolo Garcia e Valdeiras

Apoio Técnico

Rogério Alves
Maria Augusta
Tiago Pinto
Alberto Carneiro
Manuela Costa
Francisco Paiva

Impressão, colagem e laminagem

Casa dos Reclamos - Vila das Aves

Museu Municipal Abade Pedrosa

Rua Unisco Godiniz, 100 | 4780-363 Santo Tirso
site: www.cm-stirso.pt
e-mail: museusantotirso@cm-stirso.webside.pt

Horário:

Terça-feira a Sexta-feira: 9.00 - 17.00 h
Sábado e Domingo: 14.00 - 18.00 h

Entrada Livre



CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO TIRSO